

SIMPATIA PELO DIABO: UM ESTUDO SOBRE SATÃ EM A HORA DO DIABO, DE FERNANDO PESSOA

Luciano de SOUZA¹

RESUMO: Ao transpor as fronteiras dos textos religiosos em que se originou, o Diabo veio a se tornar, nos domínios da literatura, um símbolo recorrente e de indisputável significância, como atestam suas várias e multifacetadas manifestações literárias. Partindo, pois, de uma interpretação do Demônio enquanto símbolo literário de extensa tradição, o presente trabalho tem por objetivo a análise da representação de Satã no conto *A Hora do Diabo*, de Fernando Pessoa. Tenciona-se, em substância, por meio de uma leitura analítico-comparativa do discurso de Satanás, deslindar a figura do Tentador enquanto sumo conhecedor de mistérios e iniciador que, ao longo da narrativa, sumariza e expõe ao leitor o pensamento esotérico de Fernando Pessoa para, a partir daí, estabelecer uma relação entre os desígnios do Diabo, o Oculto e o fazer poético.

Palavras-chave: Diabo; Literatura; Fernando Pessoa; Oculto; Fazer Poético.

ABSTRACT: By crossing the borders of the religious texts in which it originated, the Devil became, in the realms of literature, a recurring and indisputably significant symbol, as its various and manifold literary manifestations bear witness. Starting, thus, from an interpretation of the Devil as a literary symbol of broad tradition, this paper aims at analyzing the representation of Satan in the short-story *A Hora do Diabo*, by Fernando Pessoa. By means of an analytical comparative study of Satan's discourse, our purpose is, essentially, to unfold the figure of the Tempter as the supreme bearer of mysteries and the initiator who, along the narrative, synthesizes and exposes to the reader Fernando Pessoa's esoteric thought in order to, from this point on, establish a relation among the Devil's intent, the Occult and the poetic creation.

Keywords: The Devil; Literature; Fernando Pessoa; The Occult; Poetic Creation.

Il n'y a pas d'oeuvre d'art sans collaboration du démon.

André Gide

Why call Satan a modern poet?

Harold Bloom

1. Introdução

Esta pesquisa de mestrado tem por objetivo analisar a figura do Demônio no conto *A Hora do Diabo* (1988), de Fernando Pessoa (1888-1935), a partir de um enfoque que se ocupa das representações literárias de Satã em suas diversas manifestações, de modo a compreendê-las como expressões decorrentes de determinadas conjunturas socioculturais ou mesmo do próprio substrato intelectual e artístico que embasa a poética de um autor. Em ambos os casos, o que se busca é compreender o Demônio como “personagem literário” (Bloom, 2008, p. 14)

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Orientadora: Profa. Dra. Lílían Lopondo.

que deixa atrás de si as fronteiras dos textos religiosos em que se originou para alçar vôo rumo à infinitude das searas literárias.

Tendo sido publicado em 1988 por obra de Teresa Rita Lopes, a partir de seu trabalho de seleção e organização dos textos fragmentários constantes do envelope 27⁷W do espólio de Fernando Pessoa², *A Hora do Diabo* trata-se, segundo Lopes (2004), de mais um de tantos outros projetos pensados porém não consumados do poeta – assim como seu *Fausto*, com o qual, inclusive, o conto mantém elos estreitos. Importa assinalar, aliás, que a ascendência do Demônio na obra de Pessoa de forma alguma se limita unicamente a esta narrativa, pois é notória uma “presença obsessiva” de Satã nos escritos do poeta (Lopes in Pessoa, 2004, p. 34).

Mas, como é bem sabido, Fernando Pessoa não foi o único escritor cuja produção espelha um fascínio pela figura do Diabo. Em verdade, conforme aponta Maximilian Rudwin (1973), Satã é um velho personagem literário, talvez tão antigo quanto a própria literatura, e muitos – Milton, Blake, LeSage, Baudelaire, entre tantos outros – foram aqueles que registraram com suas penas os passos claudicantes do Anjo Caído.

Pode-se mesmo dizer, afinal, que é nos tortuosos recônditos da mente humana que Lúcifer encontra refúgio após sua mítica expulsão das esferas celestiais. E, ao fazer do imaginário dos homens seu pandemônio³, o Diabo passa a inquietá-los com sua enigmática figura, inflamando-lhes o intelecto e, por conseguinte, tornando-se o cerne de discussões travadas não somente em âmbito religioso, mas também filosófico e artístico. Não por acaso Roland Villeneuve (1998, p. 814) postula que “o mito de Satã toma forma a partir do momento em que o pensamento criador e o discurso entram em jogo”.

Arcanos polissêmicos de um tarô monotemático, as várias representações literárias de Satã – dentre elas o Rebelde, o Verdugo de Deus e o Ironista – dispõem-se, aos olhos do leitor, em um jogo que revela, em verso e prosa, a fortuna do Príncipe das Trevas nos domínios da literatura, onde, de fato, ele se manifesta como um símbolo de múltiplas semioses que perscruta a alma do homem com olhos de esfinge. Com efeito, Harold Bloom (2008, p. 57) declara mesmo que “demônios e o Diabo – ou diabos – são mais interessantes em contextos literários e visuais do que naquilo que ainda são os textos canônicos da fé cristã”.

² Embora a organização do texto tenha sido de total responsabilidade de Lopes, como ela mesma reconhece, seu trabalho foi guiado por um possível plano de composição antevisto por Fernando Pessoa, uma vez que, das dezenove folhas presentes no envelope, somente duas não faziam nenhuma referência titular ao (projeto de) conto, enquanto as demais traziam indicações que variavam de *Hora do Diabo* a “Devil’s Night”.

³ O termo “pandemônio” (do inglês *pandemonium*), comumente associado à idéia de confusão, desgoverno, foi cunhado por Milton em *Paraíso Perdido* (1667) para nomear o palácio de Satã no Inferno.

1.2 O Diabo em Pessoa

Esta tradição que se ocupou do Demônio – (re)definindo, em prosa e verso, seu papel na literatura ao longo dos tempos – não era estranha a Fernando Pessoa, que até mesmo acalentara a idéia de um poema que representasse o Tentador como “o espírito do Bem” (apud Lopes in Pessoa, 2004, p. 13). Assim, não deve causar surpresa o fato de que, em *A Hora do Diabo*, Pessoa acabe por plasmar uma representação de Satã que, exprimindo-se com “uma voz de regaço, embaladora como a Lua” (Lopes in Pessoa, 2004, p. 16), revela-se despojada dos parâmetros dogmáticos cristãos.

Como Lopes, também Robert Bréchon (1999) – para quem Fernando Pessoa tinha “o Diabo no intelecto” (1999, p. 145) – reconhece esse influxo satânico na obra do poeta, chegando até a julgar pertinente a realização de um estudo que se ocupe da figura do Demônio na literatura pessoana. Assim, de certa forma, assumindo a idéia de Bréchon, cumpre assinalar que a análise da narrativa que constitui o *corpus* desta pesquisa se desenvolverá em paralelo a um levantamento acerca do estatuto do Diabo nos escritos de Fernando Pessoa.

Tal investigação, por seu turno, orienta-se principalmente a partir do trabalho de Teresa Rita Lopes e Yvette K. Centeno enquanto pesquisadoras e divulgadoras do espólio de Fernando Pessoa. Em *Pessoa por conhecer* e *Pessoa inédito*, da primeira, e em boa parte da produção ensaística da segunda, são apresentados um grande número de documentos que até então se achavam esquecidos na mítica arca do poeta e que, vindo a lume, descrevem facetas muitas vezes incógnitas de um autor que era múltiplo por excelência. De fato, para Centeno (1985), é no exame do espólio de Pessoa que reside a chave para muitos dos enigmas que se encerram em sua obra.

No que concerne especificamente à presente pesquisa, a publicação desses documentos permite que se tracem as manifestações do Diabo em Fernando Pessoa até os primórdios de sua produção, ainda nos dias de Durban, em escritos atribuídos a algumas das primeiras “personalidades literárias” por ele delineadas: Raphael Baldaya, Charles Robert Anon, Joaquim Moura Costa, Alexander Search e David Merrick. A este último, inclusive, Teresa Rita Lopes (1990) credita o possível texto-gênese de *A Hora do Diabo*, que surge primeiro como um poema – “Satan’s Soliloquy” – e, posteriormente, em um projeto de conto – “The Devil’s Voice” – que integraria uma coletânea chamada “Tales of a Madman”.

Por fim, possivelmente em 1916, em seu *Tratado da Negação*, o astrólogo Raphael Baldaya vislumbra Lúcifer – que também empresta seu nome a um poema no inconcluso

Fausto de Pessoa – de uma perspectiva que se distingue por inserir a figura do Diabo nas reflexões metafísicas que permeariam, desde o princípio, a obra do poeta:

[...] Há dois princípios em luta: o princípio de Afirmação, de Espiritualidade, de Misticismo, que é o Cristão (para nós, actualmente), e há o de Negação, de Materialidade, de Clareza, que é o Pagão. *Lúcifer* — o portador da Luz, é o símbolo nominal do Espírito que Nega. — A revolta dos anjos criou a Matéria, regresso ao Não-Ser, libertação da Afirmação (apud Lopes, 1990, p. 233).

Seguindo pela mesma *via diabolica* percorrida por Baldaya, Bernardo Soares, em um texto denominado “Declaração de diferença”, manifesta seu interesse por uma representação de Satã que, como o Lúcifer referido pelo astrólogo, se projeta para além das Escrituras e do horizonte literário. Neste apontamento – que, aliás, revela significativa semelhança com o texto de Baldaya com relação à interpretação de Satã em termos que remetem à filosofia hermética –, o autor do *Livro do Desassossego* declara o encanto exercido sobre ele pelo Demônio:

A nossa simpatia é grande pelo ocultismo e pela arte do escondido [...] Satã, sem que o queiramos, possui para nós uma sugestão como que de macho para fêmea. A serpente da Inteligência Material enroscou-se-nos no coração, como no Caduceu simbólico do Deus que comunica – Mercúrio, senhor da Compreensão (Pessoa, 2006, p. 429).

Constata-se, pois, com a leitura dos escritos de Raphael Baldaya e Bernardo Soares, que o sabido interesse do diabólico⁴ Fernando Pessoa pelas ciências ocultas está, em certo grau, inextricavelmente associado à figura de Satã, ou mais precisamente, a uma concepção heterodoxa que o poeta tinha dela, como fica patente nos escritos de Alexander Search ou C. R. Anon, por exemplo.

Pode-se aventar que essa noção particular de Satã que Pessoa manifesta em seus textos – engendrada, por certo, como consequência de seu inaudito interesse pelo tema – e a matéria esotérica da qual ele se ocuparia, com maior ou menor diligência, até o fim da vida, relacionam-se em conúbio em sua poética, de certo modo transmutando-se em uma espécie de *topos* binário – um “hermetismo satânico”, diga-se – que não somente constitui o elemento central em *A Hora do Diabo*, como com frequência ecoa em vários de seus apontamentos:

⁴ No romance *O pêndulo de Foucault*, Umberto Eco retrata, com erudição e ironia, as experiências daqueles que, atraídos pelos mistérios do Ocultismo, enlevam-se no estudo deste em suas inúmeras ramificações. Estes “diabólicos” – tal como Eco os designa – em muito se assemelham a Pessoa, que, como lembra Richard Zenith, “sentia um inegável fascínio por praticamente tudo o que pode caber, bem ou mal, no termo ‘esotérico’” (2006, p. 467).

[...] na ordem das coisas e das almas, somos subditos do a quem S. Paulo, alto iniciado, chamou o Príncipe d'este Mundo. Esse Príncipe, como todos sabemos, é Satan, porque este mundo é o Inferno de que fallam. O fogo eterno é aqui – não eterno porque dure sempre para cada um, mas (porém) eterno porque dura sempre (apud Centeno, 1985, p. 18).

E, não menos diabolicamente hermético:

Tudo é um. O satânico é tão somente a materialização do divino. [...] “Deus é um espírito”, diz a Bíblia: e o divino é (em relação a este mundo) espiritual. O Diabo é a matéria (corpo) e a Trindade Satânica: o Mundo, a Carne e o Diabo. O Diabo (Saturno) é a Limitação (apud Quadros, 1989, p. 155).

1.2. *Dom Fernando*⁵: poeta obscuro, poeta do obscuro

*Obscurum per obscurius, ignotum per ignotius*⁶. Diante da argumentação acima, a tradicional divisa alquímica ilustra, com propriedade, os rumos que conduzem esta pesquisa. Afinal, a composição do presente estudo sustenta-se, de fato, em uma leitura específica do *corpus* em questão na qual a exegese do singular Diabo pessoano está diretamente relacionada – senão mesmo condicionada – à investigação de uma peculiar faceta da poética de seu criador, faceta esta que, mesmo reconhecida em sua pertinência e significância (como atestam estudos de António Quadros, Dalila Pereira da Costa e Yvette K. Centeno), ainda se deixa vislumbrar, talvez por sua própria natureza enigmática, em densas brumas de mistério. Fala-se, aqui, enfim, do pensamento esotérico de Fernando Pessoa.

Pulsando mais vivamente em poemas de Álvaro de Campos e na poesia ortônima, de acordo com Dalila P. da Costa (1987), o interesse de Pessoa pelo Oculto se revela em âmbito literário já nos versos de uma de suas primeiras personalidades poéticas, o inglês Alexander Search, e perdura até o final dos seus dias, sem jamais cessar de exprimir a busca do poeta pelo “mistério das coisas”. De fato, como aponta Centeno, é estabelecido que a compreensão de diversos poemas de Pessoa só é possível à luz (bruxuleante) das ciências herméticas (1978).

Germinando em searas onde se arraigam matérias esotéricas como gnosticismo, alquimia, astrologia, etc., a prosa arcana de *A Hora do Diabo* – esteada, principalmente, nos

⁵ Foi desta forma que o ocultista inglês Aleister Crowley se dirigiu a Fernando Pessoa ao responder a uma carta na qual o poeta, escrevendo para os editores de Crowley, alertava para incorreções no horóscopo do mago. Este episódio indica, aliás, o início do atribulado contato entre o místico inglês e Pessoa.

⁶ “Alcançar o obscuro e o desconhecido por aquilo que é ainda mais obscuro e desconhecido”.

monólogos que exprimem a *vox diaboli* no texto – compartilha com as poesias ocultistas de Pessoa o esoterismo que, segundo José Augusto Seabra (1982), subjaz (e transcende) a experiência poética do autor de *Mensagem*. Para Seabra (1982, p. 159), com efeito, os poemas que se abrigam sob a égide do ocultismo revelam “[...] a consubstanciação da experiência simbólica e da experiência poética em Fernando Pessoa”.

Antônio Quadros (s/d) afirma que Pessoa, em sua poesia, deu a conhecer as três vias de iniciação que lhe eram mais caras, a saber, a iniciação dionisíaca e órfica, a iniciação templária e, finalmente, a iniciação rosa-cruciana, cada qual referida, respectivamente, segundo Quadros, nos poemas “O último sortilégio”, “Eros e Psique” e “No Túmulo de Christian Rosencreutz”. Considerando que “a criação literária é, para Fernando Pessoa, uma das faces do mistério iniciático” (Centeno, 1985, p. 11), e que, como nota Teresa Rita Lopes (2004), Satã, em *A Hora do Diabo*, ao fecundar o feto no ventre de Maria pelo Verbo, confere-lhe o grau de poeta-gênio, é possível, pois, identificar no conto uma quarta forma de iniciação: a iniciação diabólica, que instituiria um elo entre a figura do Demônio e o fazer poético.

2. Objetivos

É a partir de uma interpretação do Demônio enquanto símbolo literário que se configura o objetivo da presente pesquisa, qual seja, a análise da representação de Satã no conto *A Hora do Diabo*, de Fernando Pessoa – autor que, nutrindo grande interesse por simbolismos os mais diversos, chegara mesmo a afirmar que “tudo é símbolo e analogia” (Pessoa, 1996, p.75).

Destarte, partindo da premissa que reconhece em *A Hora do Diabo* o reverso, em prosa, do emblema que caracteriza o esoterismo na escrita de Pessoa (cujo anverso se ilustra, por seu turno, nos versos de “Iniciação” ou “Além-Deus”, entre outros), o que se busca, neste estudo, é o deslinde da figura de Satã enquanto hierofante que, ao longo da narrativa, sumariza e expõe o pensamento esotérico de Fernando Pessoa, porém sem usurpar ao oculto aquilo que lhe é inerente e estatutário⁷. Conquanto Teresa Rita Lopes (2004), em seus comentários acerca do conto, já tenha identificado no Diabo a figura de um Iniciador e, na fala deste, a práxis da iniciação, pretende-se, nesta pesquisa, aprofundar o estudo das implicações contidas em tal imagem de Satã no texto de Pessoa. Tenciona-se elucidar,

⁷ No documento numerado 54-75 do espólio de Pessoa, o poeta afirma que “[...] ainda que se quizesse revelar claramente o oculto, se não poderia revelar, por não haver para elle palavras com que se diga”. (Pessoa apud Centeno, 1985, p. 70-71).

portanto, em que nível o Demônio se faz presente na narrativa como o guia do qual, segundo o próprio poeta, não se pode prescindir na jornada ao oculto (apud Centeno in Pessoa, 1997, p. 387).

3. Plano de análise

A Hora do Diabo narra o encontro, em um cenário onírico, entre Satã e uma mulher chamada Maria, que carrega em seu ventre uma criança a quem o Demônio declaradamente se dirige em sua fala. Este arrazoado do Diabo, que desde o princípio assume um tom de monólogo – ocasionalmente entremeado por breves intervenções de Maria –, não exprime claramente as intenções do Tentador ao abordar mãe e filho. Por essa razão, para se apreender os possíveis desígnios do Príncipe das Trevas na narrativa, é necessário examinar não somente seu discurso, mas cuidar também das considerações do narrador, assim como do breve, porém elucidativo diálogo do filho – já adulto – com a mãe.

Pretende-se alcançar o escopo referido neste trabalho por meio de uma leitura analítico-comparativa do discurso de Satã, na medida em que os monólogos que constituem esse discurso aliam ao lastro ocultista presente no conto tantas outras referências à tradição histórico-literária que tem por objeto o *topos* do Diabo e que são, outrossim, igualmente significativas para o devido entendimento do texto segundo a abordagem proposta.

Entende-se, no que concerne à relevância do tema, que a pesquisa ora proposta, ao convidar à reflexão acerca de *A Hora do Diabo*, preenche uma lacuna – ou abre uma porta – nas investigações sobre a obra de Fernando Pessoa, pois, embora o conto tenha vindo a público, pela primeira vez, em 1988, a crítica pessoana até o momento não se ocupou dele. Salvo pelo breve estudo que Teresa Rita Lopes incluiu nas duas edições do texto (a primeira, lançada pela editora Rolim, em 1988, e a segunda, de 1997, pela Assírio e Alvim) e por menções que ela faz em outros trabalhos seus (*Pessoa por conhecer*, de 1990 e *Pessoa Inédito*, de 1993), as badaladas que anunciaram a *Hora do Diabo* passaram despercebidas nos círculos de estudos pessoanos. Tal descaso sem dúvida se mostra descabido, pois, não sendo “caso avulso na obra de Pessoa” (Lopes in Pessoa, 2004, p. 27), o *corpus* analisado decerto conduz, ainda que por sendas labirínticas, a tópicos primordiais da literatura do poeta.

Como observado anteriormente, o aspecto historiográfico é de suma importância na elaboração e consecução do presente trabalho, uma vez que a atuação de Satã na trama urdida por Pessoa decorre, outrossim, de inúmeros contextos nos quais o Diabo esteve inserido – e dos diversos aspectos por ele assumidos – desde seus primórdios. Assim, tendo em foco a abrangência e significância dos elementos componentes do conceito arquetípico do Demônio

na relação História-Literatura, a primeira parte do estudo configura-se como um estudo diacrônico da figura do Anjo Caído, partindo de sua gênese histórico-religiosa, prosseguindo com a análise de importantes mutações por ele sofridas e finalizando por contextualizá-lo em diversas manifestações literárias pertinentes, com as quais o texto de Fernando Pessoa implícita ou explicitamente dialoga.

A segunda parte, por sua vez, irá discorrer acerca da já citada presença obsessante do Demônio nos escritos do poeta, pois, mesmo que não se façam presentes em legião, as referências a Satã na vida-obra de Pessoa são por demais relevantes – ainda que por vezes enigmáticas – para serem ignoradas. Por essa razão, entende-se que o exame desses escritos, ou antes, dos temas sobre os quais eles versam – mormente aqueles que assomam e se entretecem na narrativa –, é condição indispensável para uma compreensão acurada de *A Hora do Diabo*. Por fim, na terceira e última parte as veredas percorridas nos dois segmentos anteriores convergem-se e imbricam-se, redundando em uma via única cujo percurso se traduz na análise do conto *per se*.

4. Conclusão

Yvette Centeno (1988) ensina que para o mistério qualquer revelação plena é incabível; desta forma, também não se busca encontrar respostas definitivas ao final deste trajeto em que, no plano ficcional, o pensamento esotérico e a literatura de Fernando Pessoa se coadunam sob o signo do Diabo. Como em uma peça encenada na aurora do mundo, as ações de cada personagem são entrevistadas por uma neblina diáfana que se precipita sobre a diabólica prosa do autor português. Porém, considerando a abrangência do misticismo e do simbolismo pessoano, é possível imaginar que aquela neblina decerto se origina na mesma estação das brumas que, em “Nevoeiro” – poema que sela a *Mensagem* –, precede e anuncia o advento do Encoberto. Entretanto, a nebulosidade que paira neste conto que Pessoa consagra ao Demônio prenuncia não um tempo de despertar, mas, antes, um tempo de adentrar nos domínios do sonhar para lá vislumbrar, em um colóquio iniciático, a fecundação do poeta-gênio.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Anjos caídos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BRÉCHON, Robert. **Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CENTENO, Y. K.; RECKERT, Stephen. **Fernando Pessoa (Tempo-Solidão-Hermetismo)**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

CENTENO, Y. K. **Fernando Pessoa e a filosofia hermética (fragmentos do espólio)**. Lisboa: Presença, 1985.

_____. **Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1985.

COSTA, Dalila Pereira da. **O esoterismo de Fernando Pessoa**. 3. ed. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1987.

ECO, Umberto. **O pêndulo de Foucault**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa Inédito**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

_____. **Pessoa por conhecer – roteiro para uma expedição**. Lisboa: Estampa, 1990.

PESSOA, Fernando. **A Hora do Diabo (edição e prefácio de Teresa Rita Lopes)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. **A Procura da Verdade Oculta - Textos filosóficos e esotéricos** (Prefácio, organização e notas de António Quadros.). 2. ed. s/l: Mira-Sintra – Mem Martins: Publ. Europa-América, 1989.

_____. **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal (edição e posfácio de Richard Zenith)**. São Paulo: A Girafa, 2006.

_____. **Livro do desassossego**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

_____. **Mensagem – Poemas esotéricos (edição crítica, José Augusto Seabra – coordenador)**. s/l: ALLCA XX / SCIPIONE CULTURAL, 1997.

_____. **Primeiro Fausto**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

QUADROS, António. Ocultismo, Iniciação, Procura Teológica. In.: **Fernando Pessoa**. 2. ed. Lisboa: Arcádia, s/d.

RUDWIN, Maximilian. **The Devil in Legend and Literature**. 2. ed. Illinois: Open Court Publishing Company, 1973.

SEABRA, José Augusto Seabra. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

VILLENEUVE, Roland. “Satã”. In: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.